

APROVÍNCIA

Semanário

AVENCA

Informação ◊ Cultura ◊ Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 050 467
MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

Mulher - Mãe

8-12-958

MAIS um dia dedicado à Mãe Divina e a todas as Mães Portuguesas.

É sempre agradável falar sobre as vidas fortes, que como um grito e um exemplo crescem iluminadas pela luz do Amor.

Contagia-nos a alegria das almas eleitas por Deus para atravessarem o mundo que

Por
Seisdedos Branco

nos tenta, sem se contaminarem, cumprindo sempre o seu dever, revestindo-se daquela abnegação que dá vida e eleva a alma puríssima da verdadeira — Mãe.

Ao despertar deste novo dia analisamos com mais fervor a vida forte e fecunda da Mulher, a intensidade heróica das que quando a Vida e a Morte se baralham e como duas mãos se juntam, a terra invade o céu, e este parece ser palpável e próximo, o ar de vitória que irradia dessa fronte triste, mas bela, onde o amor é luz que ilumina no meio da rotina e do túbio esquecimento de si própria...

() que é a Mulher para alguém?

Uma desconhecida ou quando muito a mulher a quem conhecem superficialmente e se contempla não vendo que ela é objecto de amor particular, desse espírito puro, que concentra cuidados luminosos sobre a terra.

Na presença viva duma Mãe, em toda a acepção da palavra, quem não sentirá bríos de dignidade para calcar a lama da terra?

Quem há que não diga:

Tu és a guia desta encruzilhada
Esta luz que me segue e encaminha
Sol bendito da mais bela alvorada
Amão que sinto sempre presa à minha...

Esta celebração às Mães não deve servir apenas para enaltecer a Mulher, deve levar especialmente as cristãs à imitação da Virgem e a

MÃE

Por - Ribeiro Nunes

Comemora-se na próxima segunda-feira, dia 8, em todo o país o «Dia da Mãe». Da revista Lar e Trabalho, respigamos com a devida vénia, o seguinte trecho:

«É mister que a criança cresça, se afaste de sua mãe, que se ponha a distância para julgar a criatura que lhe deu o ser. É necessário que ela consinta em deixar esse homem, esse filho, tentar fortuna, correr perigos, amar uma mulher e associar-se a ela. Parece coisa simples e conforme com o voto da Natureza. E contudo é o que suscita dramas mais frequentes do que se imagina.

«A galinha escorraça à bicada o pinto adulto que teima em acompanhá-la; mas

(Continua na página 5)

experimentarem profundamente sentimentos de amor, e virtudes de alma, e que estes não sejam apenas palavras vãs nem sentimento fraco e caduco, mas sim sincero e verdadeiro ainda que à custa de muitas dores...

As lágrimas nem sempre ficam sem recompensa e quando estas se derramam partindo dum princípio santo, dum ideal, da missão da Mulher, o seu resultado é sempre de glória pelo Mundo e de muito proveito para quem as verte.

A verdadeira Mulher e Mãe tem um conhecimento como ninguém dos santos caminhos da perfeição que são os da verdade, fundamento sólido da vida, pois

(Continua na página 5)

1640 Lusitos 1958

Por Seisdedos Branco

Sempre que surge o dia 1.º de Dezembro parece-nos ouvir um hino de glória. É a Voz da Raça é o Avé-Pátrio, o júbilo dos heróis e o Cântico Português.

Já lá vão mais de três séculos, e ao recordarmos esses sessenta anos de cativo, de amargura e de saire, o nosso coração parece ainda sentir a dor pela perda da nossa independência...

Lusitos de hoje, homens de amanhã, lembrai-vos que Portugal foi desde sempre um País de heróis, uma Nação que a virgem Mãe abençoou para que fosse uma Pátria livre.

Defendei-a, velai por ela, e vivei sempre ao lado daqueles que vivem para ela e por ela, sem ambições, nem anseios pessoais; ao lado dos que vivem para o bem comum, para a ordem e prestígio deste torrão que os antepassados nos legaram como herança sagrada.

Lusitos: — hoje é o vosso dia, o dia da consagração à nossa independência, fazei dele uma verdadeira festa nacional e meditai nos seus porquês.

Conheci toda a sua história, quanto Portugal sofreu e perdeu enquanto esteve sob o jugo espanhol e aproveitai essa lição para que amanhã não vacieis em ser dela o melhor defensor, o melhor filho.

Quando este dia desponta parece-nos ainda ouvir o grito daqueles nossos irmãos que tão honrosamente pugnam pela independência do Torrão Natal.

Esta data é uma das mais gloriosas e marca um desses períodos que irradiam sobre a História de Portugal o esplendor que se estende a muitos séculos de distância.

A Independência, notável de esforços, tentativas e resultados obtidos pela nobreza e patriotismo português.

Como é grato recordar épocas que servem de fanal às novas gerações...

E como é a vós Lusitos que amanhã serão confiados os destinos de Portugal, olhai o passado, segui em frente e lutai amanhã para que nas nossas ameias para sempre flutui o nobre símbolo da Independência.

UMA POETISA MONTIJENSE

EDUARDA LEITE VENTURA



Ilustra hoje este número de «A Província» com interessante produção poética intitulada «Filipa de Lencastre», a nossa falecida conterrânea, Sr.ª D. Eduarda Leite Ventura, à qual em rendida homenagem às Mães de Portugal, tributamos o nosso testemunho de simpática admiração.

Não poderíamos esquecer nesta data de consagração ao «Dia da Mãe» e de evocação da data gloriosa de «1.º de Dezembro», que a sua autora é uma Montijense ligada a respeitáveis famílias da nossa Terra.

Por essas razões e lembrando a sua saudosa memória, desfolhamos junto do seu túmulo as pétalas do nosso recôndito preito de reconhecimento.

FILIPA DE LENCASTRE

Filipa de Lencastre, virtuosa,
Mãe dos Infantes mais audaciosos,
De exímios sentimentos valorosos
Heroina e de nobreza grandiosa.

Rainha, ao lar e ao reino proveitosa,
Seus descendentes foram tão bríosos,
Prestando bons trabalhos, preciosos,
Como devia ela sentir-se orgulhosa!

De D. João Primeiro, a ilustre esposa
No céu, sua alma, sempre bem repousa;
Na guerra de Ceuta, ela agonisante,

'Inda incutiu na alma do marido
E dos filhos: seu último pedido,
Para não desistirem, foi constante.

A RESTAURAÇÃO

«Manhã pura e formosa» chamaram à manhã de glória do 1.º de Dezembro de 1640, em que Portugal derrubou a dinastia estrangeira, que nos governava despoticamente, e restaurou no seu Trono o «Rei natural, que foi D. João IV...»

«Manhã pura e formosa», porque o céu azul, sem mancha, macio da doirada luz matutina de Dezembro, acordava nas almas âncias de beleza e de paz — e beleza e paz só eram possíveis com a liberdade que não tinhamos...

«Manhã pura e formosa», porque nela a Pátria, respondendo ao grito de um pu-

nhado de fidalgos que jogaram a vida pela honra, tornou triunfante o brado de «Liberdade! Liberdade! Viva El-Rei D. João IV», que, dado no Terreiro do Paço, logo alastrou a toda a cidade de Lisboa, a todo o Reino, a todas as províncias do Ultramar...

Com o Duque de Bragança, D. João IV e D. Nuno Álvares Pereira, é a legítima vida portuguesa que se restaura — é a opressão e o estrangeiro que são expulsos da nossa Terra e do nosso sangue...

(Transcrito com a devida vénia de «A Campanha»)

Número dedicado ao Dia da Mãe e da Independência de Portugal

Exmo. Sr.
Manuel Giraldo de Silva
BIO PRIO

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Bulhão Pato, 14 - 1.º

Telef. 030245 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes às 9 horas, todos os dias, excepto às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.

Telef. 030 256 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.

Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ª e 6.ª feiras
R. Bulhão Pato, 14 - 1.º - Montijo
Todos os dias

Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Dr. Santos Marcelo

Doenças nervosas e mentais

Consultas e tratamentos — primeiros e terceiros sábados de cada mês, pelas 12 horas, no consultório do Ex.º Sr. Dr. Ferreira da Trindade — Rua Bulhão Pato, 42 — Telef. 030 131 — MONTIJO.

Dr. Elísio Morgado

Médico-Especialista

Doenças dos olhos

Consultas às 5.ª feiras,
pelas 14 horas

Rua Bulhão Pato, 14 - 1.º

MONTIJO

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça

Av. Luís de Camões - MONTIJO

Telef.º 030 502 - 030 465 - 030 012

Parteiras

Augusta Marques Charneira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra

R. José Joaquim Marques — N.º 231

Telef. 030556

MONTIJO

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira

PARTO SEM DOR

Ex-estagiária das Maternidades de Paris e de Strasbourg.

De dia - R. Almirante Reis, 72

Telef. 030598

De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030 046

Serviços Médico Sociais, 030 198

Bombeiros, 030 048

Taxis, 030 025 e 030 479

Ponte dos Vapores, 030 425

Polícia, 030 144

Telefone 030 378

Para Boas Fotografias
procure a

FOTO MONTIJENSE

Av. João de Deus, 71

(A Praça 1.º de Maio)

MONTIJO

MONTIJO

FESTAS COMEMORATIVAS DO

104.º Aniversário da «1.º de Dezembro»

A «Centenária» e prestigiosa Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, de Montijo, está desenvolvendo brilhantemente o programa das festas comemorativas do seu 104.º aniversário de fundação e significativo dum passado honroso, que se encontra revestido de bastantes galardões, dentre os quais se destacam o 1.º prémio — 1.ª categoria, no Concurso de Bandas Cívicas realizado na Cidade de Setúbal em 8 de Agosto de 1954, no qual lhe foi atribuído o título de melhor Banda Civil do Distrito; e ultimamente, o 2.º prémio de Categorias Superiores, no Concurso Mundial de Música de Amadores, efectuado em 30 de Agosto passado, na Cidade de Kerkrade (Holanda).

Assim, integrado no seu interessante programa complementar, efectuaram-se entre outros números alusivos a esta solenização no pretérito domingo, dia 30 de Novembro: — a missa de réquiem, na Igreja Matriz desta vila, por alma dos sócios, regentes e filar-

mónicos falecidos, desde a fundação da Sociedade; um almoço de homenagem à sua Banda e confraternização inter-sócios e amigos da colectividade, no seu salão de festas; e uma valiosa «Soirée», que foi abrilhantada pela exíma Orquestra «Reis da Alegria», que decorreu animadamente.

No primeiro dia, destacou-se como dizemos acima o almoço de homenagem e confraternização, que juntando cerca de 80 pessoas, reuniu a sua Banda, dedicados sócios e amigos da colectividade aniversariante, elementos da Sociedade, Amizade «Visconde de Alcacer», o incansável musicólogo, sr. Pedro de Freitas, figuras da classe piscatória local, e os srs. Emídio Augusto Tobias e Jaime Sanches Bermejo, em mesa presidida pelos srs. António Pereira Coutinho Salgado e o Ilustre Maestro António Gonçalves.

Esse almoço decorreu em elevado ambiente de estima e consideração mútua, tendo sido proferidos vários discursos, cuja trans-

crição reservamos para o próximo número deste semanário.

Para o dia de segunda-feira, 1, em que escrevemos estas linhas, entre outros números festivos, está designada para as 20 horas, a saída da Banda da Sociedade «1.º de Dezembro», em percurso pelas principais ruas desta vila, para cumprimentos às Entidades Oficiais, Colectividades locais e Imprensa; e às 21,30 horas, sessão solene comemorativa, com uma conferência pelo nosso antigo director, sr. Alvaro Valente, com a assistência de diversas entidades, fazendo-se representar igualmente a Direcção da Federação Portuguesa das Sociedades de Educação e Recreio, pelo dedicado amigo da 1.º de Dezembro, sr. Capitão José Gonçalves Louro e outras individualidades.

Pela passagem de data tão jubilante nos anais festivos da «velhinha e sempre jovem» 1.º de Dezembro, «A Província» endereça-lhe e à massa associativa, as suas efusivas felicitações com os seus votos de prolongada continuidade de triunfos na sua feição artística, num abraço de sincera simpatia pela sua notabilíssima obra a bem de Montijo.

A Eleição dos Papas

Da disciplina à actual legislação

(Continuação do n.º anterior)

VI — A aceitação

O eleito não é obrigado, como dissemos, a aceitar a sua eleição. De certeza não se conhece nenhuma circunstância em que o caso ocorresse. Terminado o escrutínio e eleito canonicamente um dos Cardiais, o Cardeal decano, em nome do Sacro Colégio, dirige-se ao eleito e pergunta-lhe se aceita a eleição feita da sua pessoa. Se o eleito solicita alguma espera para a sua resposta, ser-lhe-á concedida por maioria de votos dentro dos limites que a prudência aconselha. Mas, aceite a eleição, o novo eleito é verdadeiramente e canonicamente Papa. Pode validamente e desde logo, mesmo antes da Coroação, mandar como Pontífice. Vem aqui recordar os termos emocionantes, e logo reveladores da sua excepcional personalidade em que Pio XI fez a sua aceitação.

VII — A proclamação

Dada a aceitação, o novo Papa declara o nome que quer tomar. Então todos os baldaquinos da sala do Conclave (agora a Capela Sixtina, como já dissemos) se abatem, ficando elevado apenas o do Cardial eleito. O Cardial Diácono mais novo é o encarregado da proclamação ao povo. A fórmula é conhecida. A multidão reunida na Praça de S. Pedro (a Praça pode comportar mais de 200.000 pessoas, e em geral nesta ocasião as comporta) o referido Cardial Diácono, precedido da Cruz Papal, conduzida por um Cerimoniário, e conclavistas, avança para o balcão exterior da grande sala das *Benedictiones* e lê num papel que depois será atirado para a multidão: «Anuncio-vos uma grande alegria: temos Papa, o Eminentíssimo Cardial N.N. que tomou o nome de... (agora Pio XII?). O momento é de indiscrível entusiasmo. Os sinos de S. Pedro tocam festivamente e, a seguir, as 400 igrejas da Cidade Eterna, anunciando a jubilosa nova. Diz-se que Mussolini esteve entre esta multidão quando da proclamação de Pio XI. Este ano, uma inovação marcará este passo da eleição do sucessor de Aquiles Ratti: a sua eleição será levada imediatamente a todas as

partes do mundo pela Rádio Vaticano, que a transmitirá na onda habitual de 19 metros. A Igreja não desdenha todo o progresso útil e honesto.

O Papa recebe então a *obediência* dos presentes, a começar pelos Cardiais.

Abatidos todos os baldaquinos excepto o seu, o novo eleito dirige-se à Sacristia do Conclave onde veste a batina branca, a faixa e a calote também brancas, e a musseta vermelha. Regressado à sala do Conclave (à Sixtina) e subido pela primeira vez ao Trono Papal, todos os Cardiais, ainda com as vestes de conclavistas, lhe vão prestar obediência, ajoelhando-se na sua frente beijando-lhe a mão e trocando o ósculo da paz. O Papa dá depois a sua primeira bênção Pontifical *urbi et orbi*.

Depois 1870 até Bento XV, essa primeira bênção foi dada da varanda interna da Basílica sobre a multidão nela entrada aos milhares. Pio XI fez a inovação. Era o anúncio da Conciliação que não demoraria muitos anos.

Afirmando o seu dever de respeitar e afirmar todas as reservas dos legítimos direitos da Santa Sé, o novo Papa acrescentou que era seu desejo dar a sua primeira bênção não só à cidade de Roma e à Itália, mas a todo o mundo e por isso resolvia ir dá-la à *loggia* exterior da Basílica. Foi um espanto em todos os que o ouviram. A cerimónia apresentava novidades desconcertantes ao encarar os seus pormenores de efectivação. Houve que esperar cerca de duas horas, até que a comunicação da resolução do Pontífice foi dada e combinada com o Governo do Quirinal Este correspondeu devidamente à nobilíssima e significativa atitude de Pio XI. Pouco depois, quando o Papa surgiu na sédia, entre os *flabelli* na varanda de S. Pedro, ao fundo da Praça um cordão de tropas italianas apresentou armas ao Papa eleito. E a manifestação delirante da imensa mole de gente que enchia a grande praça de Bernini, foi nessa hora entusiástica como nunca.

1) — Pio XII acrescentou mais um voto aos dois terços, contando como provável o voto do Cardial eleito.

Notas colligidas pelo
Prof. José Manuel Landeiro

Congresso das Misericórdias de Portugal

Dentre o programa das comemorações do V Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor, fundadora das Santas Casas da Misericórdia, generosa obra de caridade, que tiveram início em Portugal a 15 de Agosto de 1498, consta a realização do seu Congresso que tendo despertado vivo interesse em todo o País e no Brasil, confirma a grandeza que envolverá todas as suas cerimónias oficiais.

Para os mais próximos dias o programa das comemorações, é o seguinte:

— *Dia 3 de Dezembro* — Nos Jerónimos, bênção solene pelo Senhor Cardeal Patriarca, na presença dos congressistas portugueses e brasileiros do Congresso das Misericórdias, da *nova bandeira de Misericórdia que vai ser oferecida à de Goa* e sessão solene de abertura do Congresso das Misericórdias.

Dia 4 de Dezembro — Sessão dos trabalhos do Congresso e visita dos congressistas às Caldas da Rainha.

Dia 5 de Dezembro — Sessões e Sarau Vicentino pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

Dia 6 de Dezembro — Sessão de trabalhos do Congresso e inauguração da Exposição Evocativa da Vida e Obra da Rainha D. Leonor, no Convento de Madre Deus, que a Fundação Calouste Gulbenkian promove e organiza com grande generosidade e alto nível artístico.

Neste mesmo dia à noite far-se-á o encerramento do Congresso.

Em datas a fixar realizar-se-ão ainda neste mês os seguintes actos comemorativos:

Em Goa — Uma delegação das Misericórdias da Metrópole fará a entrega da nova bandeira oferecida à Misericórdia daquela distante (mas espiritualmente tão próxima) parcela da Pátria portuguesa.

Em Beja — Terra natal da Rainha D. Leonor, — inauguração duma estátua, de bronze, que está a esculpir o escultor Alvaro de Brée.

No Porto — Em fins de Dezembro, repetição na velha Casa do Despacho, na Misericórdia, à Rua das Flores, de grande parte da exposição da Madre Deus. Encerramento das comemorações.

No Brasil — Uma delegação das

«Amigos de Olivença»

Na Casa do Alentejo, em Lisboa, efectuou-se no dia 20 do mês findo, a anunciada conferência de iniciativa do grupo «Amigos de Olivença», pelo nosso confrade sr. José Manuel Queimado, que desenvolveu brilhantemente o tema «OLIVENÇA, TERRA NOSSA AMADA».

O conferente, que foi várias vezes aplaudido durante o seu discurso e no final do seu valioso trabalho, fez entre outras as seguintes afirmações:

«Olivença vive no coração de Portugal como chama ardente que já mais se apagará, enquanto não alvorecer o dia em que a Justiça triunfe ainda que haja um só português em Portugal».

«Olivença é um pedaço de patriotismo português».

«Olivença representa para Portugal um tesouro sagrado».

«Olivença é uma página dolorosa que define bem o carácter dos governantes daqueles recuados tempos, quando das guerras napoleónicas».

Misericórdias portuguesas fará oferta à Misericórdia de Santos duma cópia dum antigo retrato da Rainha D. Leonor. Estão previstas, no Brasil, cerimónias, além de em Santos, no Rio de Janeiro, S. Paulo, e Baía.

Conta ainda a Misericórdia de Lisboa inaugurar, dentro do ciclo das comemorações, as novas e actualizadas enfermarias para crianças lactantes, no Hospital de S. Roque, e lançar a primeira pedra do Centro de Reabilitação de Diminuídos, novo hospital especializado, para cerca de 300 leitos, que vai ser construído em Alcoitão, no concelho de Cascais, e para o qual estão a especializar-se, nos Estados Unidos, médicos e pessoal auxiliar.

Plano de Actividades do Município de Montijo

Já recebemos há semanas o Plano de Actividades do nosso Município, para o ano de 1959, que o seu presidente, sr. José da Silva Leite elaborou e submeteu em 15 do mês findo, à discussão e votação pelo Conselho Municipal.

É extenso esse trabalho e as respectivas bases do orçamento, no total de dezanove páginas que o opúsculo comporta.

Por se tratar de um documento que merece ser trazido a público, iniciaremos na próxima semana a sua divulgação.

Leia, Assine e Divulgue:

«A PROVINCIA»

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

DEZEMBRO

— No dia 2, fez 17 risonhas primaveras a menina América Margarida Duarte, filha do nosso estimado assinante sr. Manuel Duarte.

— No dia 2, fez 33 anos o nosso estimado assinante e proprietário do «Novo Café Ribatejano», da Baixa da Banheira, sr. Miguel Francisco.

— No dia 2, a menina Maria João da Veiga Ferra, filha do nosso prezado assinante, sr. João Narciso Ferra, completou o seu 2.º aniversário.

— No dia 3, o sr. Francisco Manhoso lpa, nosso dedicado assinante.

— No dia 3, completou o 3.º aniversário o menino Pavão Rosa Viegas de Castro, filho do nosso bom amigo sr. Francisco José Viegas de Castro, igualmente nosso prezado assinante.

— No dia 4, a Sr.ª D. Maria Antonieta Carneira Almeida, nossa dedicada assinante.

— No dia 4, completa as suas 21 risonhas primaveras a menina Maria Guilhermina Bastos Sapateiro, nossa dedicada assinante.

— No dia 4, completa as suas 16 risonhas primaveras, a menina Maria Carolina Sousa Martins, gentil filha do nosso prezado assinante, sr. José de Sousa Martins.

— No dia 4, perfaz 13 auspiciosas primaveras a menina Mariana dos Santos G. Vitorino, nossa estimada assinante.

— No dia 4, a sr.ª D. Evangelina Silva Martins, esposa do nosso prezado assinante, sr. José de Sousa Martins.

— No dia 4, faz 91 anos de idade o sr. Mário da Encarnação, tio do nosso prezado assinante, sr. José Eduardo Pascoal Pereira

— No dia 5, a sr.ª D. Lídia Pascoal Pereira, no sa dedicada assinante, completa 43 anos de idade.

— No dia 5, o nosso dedicado assinante sr. Júlio Jesé dos Santos, funcionário electricista dos nossos Serviços Municipalizados.

— No dia 5, a menina Maria Antónia Fernandes Pelirú, filha do nosso estimado assinante, sr. Francisco José Pelirú, residente na Atalaia.

— No dia 6, completa sete anos de idade a menina Maria Elisabete Cavaca Gonçalves, gentil filhinha do nosso estimado assinante, sr. Firmino Rodrigues Gonçalves.

— No dia 6, perfaz 55 anos de idade o nosso dedicado amigo e assinante, sr. Silvano Saraiva.

— No dia 6, completa o seu 29.º aniversário o sr. Ernesto António Sapateiro, pai da nossa dedicada assinante, menina Maria Guilhermina Bastos Sapateiro.

— No dia 6, completa 49 anos de idade a sr.ª D. Maria Elvira Sacoto dos Santos Mendes, filha do nosso estimado assinante, sr. Carlos dos Santos.

— No dia 7, o sr. Daniel José Rosa Madeira, filho do nosso dedicado assinante, sr. José da Conceição Madeira.

— No dia 7, o sr. Joaquim Vintém Lopes, nosso prezado amigo e estimado assinante.

A todos os aniversariantes e suas famílias, apresentamos as nossas felicitações.

MONTIJO

Ao Coração dos nossos leitores

Com a publicação das últimas dádivas recebidas, damos hoje por encerrada a subscrição aberta à generosidade dos nossos leitores.

Ao nosso protegido foi já entregue anteriormente a importância de 2.087\$50, a qual foi utilizada, como dissemos, pelo António Bento na compra de novas lentes, terapêutica, pagamento de consultas, ficando o remanescente para si, a fim de o auxiliar em compra de jogo de lotaria.

Segundo nos informou o Bento a importância que se colheu, devido aos corações generosos que acorreram ao nosso apelo, bastante o beneficiou, não só na sua doença como na sua própria profissão de cauteleiro, porquanto pode assim de futuro, comprar maior parcela de jogo para venda.

Encarrega-nos o António Bento para que manifestemos junto dos nossos leitores a gratidão que lhes fica devendo, por um gesto sublime de solidariedade que veio amenizar bastante a sua infelicidade.

«A *Provincia*» agradece também a todos que corresponderam ao nosso apelo, quer de Montijo, quer de fora, num gesto que para sempre ficaremos profundamente reconhecidos.

A todos, portanto, muito obrigados.

TRANSPORTE (importância já entregue anteriormente), Esc. 2.087\$50, sr.ª D. Alexandrina Tavares, 100\$00; D. Maria Lucília Marques, 20\$00; Américo Gonçalves Freitas, 20\$00; M. Z. (anónimo), 50\$00; e Emídio Ribeiro Henriques, 50\$00. Total e final da subscrição: Esc. 2.327\$50, já liquidada com António Bento pela nossa última entrega de Esc. 240\$00.

O fim do mundo está próximo

Segundo o Apocalipse e os actuais acontecimentos, profeticamente anunciados pela Bíblia Sagrada.

Quem destruirá o mundo? Deus ou o homem com a bomba atómica?

Quais são os sinais que provam que o fim do mundo está próximo?

Quererá V. Ex.ª salvar-se de tão horrível cataclismo?

Vá ouvir o que se dirá sobre tão transcendental acontecimento, no dia 7, pelas 20,30 horas, na Igreja Evangélica, Rua Alexandre Herculano, 5-A (frente ao Mercado).

Doente

Encontra-se gravemente doente, quase cega, a sr.ª D. Custódia de Jesus Queimadelas, de 27 anos, residente no Monte da Pita Mariça, Lavre. Tia muito querida do nosso assinante em Canha, sr. António Albino Matilde, pelo que somos a apresentar-lhe os nossos desejos de boas melhoras.

Câmara Municipal de Montijo

Resumo do acta de reunião ordinária de 18 de Novembro findo

Presentes: Os srs. José da Silva Leite, Presidente; e os vereadores, Francisco Tobias da Silva Augusto, Tomás Manhoso lpa, Joaquim Brito Sancho, Carlos Gouveia Dimas, Francisco Braz da Cruz e Mário Miguel de Sousa Rama. **Secretário:** o sr. José Maria Mendes Costa, Chefe da Secretaria.

Deliberações tomadas:

— Solicitar do engenheiro urbanista o prolongamento da rua II, no Afonsoeiro, na sua largura actual, para acesso à Estrada Nacional.

— Aprovar o segundo orçamento suplementar, na importância de 417.400\$00.

— Conceder poderes à Presidência para arrematar um prédio na Rua Almirante Reis, em praça no Tribunal Judicial.

— Publicar edital sobre a conveniência dos municípios solicitarem informações na Secção Técnica, sobre o parcelamento de terrenos.

Foi tomado conhecimento:

— Ofício da Direcção de Urbanização que informa a concessão da comparticipação de 74 contos, para a estrada de Canha às Faias.

— Ofício do Tribunal de Contas que julga quite a responsabilidade da Câmara, pela gerência de 1957.

Casamento elegante

No último sábado, dia 29 de mês findo, efectuou-se na Igreja de S. João de Brito, em Lisboa, o enlace matrimonial da menina Maria do Rosário Ventura Parreira, fundadora da C.T.V., estremeza filha da sr.ª D. Maria Ventura Parreira e do sr. José Pires Parreira Júnior, funcionário da S.O.P.A.C., desta vila, e digno director do Orfanato Dr. César Fernandes Ventura, de Montijo, com o sr. José Pinto Soares Correia, piloto aviador, filho da sr.ª D. Ana Pinto Soares e do sr. Alvaro Pinto G. Correia, natural de Deão - Viana do Castelo.

Foi celebrante do matrimónio o rev.º padre Manuel Gonçalves dos Santos, estimado pároco de Montijo.

Paraninaram o acto pela parte da noiva, o sr. João Marcelino R. Fernandes e a sr.ª D. Catarina Jacinto Fernandes, e pelo noivo, o sr. António P. Soares Correia e a sr.ª D. Maria do Céu Gomes.

No final da cerimónia que reuniu numerosos convidados, realizou-se um fino «copo de água», que foi servido pela Confeitaria Vitória, de Lisboa, tendo-se trocado afectuosos brindes.

«A *Provincia*» saudando os nubentos e seus pais, dirige-lhes as suas felicitações, auspiciando ao novo lar um ridente porvir em prolongados anos de venturas.

Vende-se

— Rez-do-chão, com água e esgoto, na Rua Sacadura Cabral, em ALCOCHETE.

Tratar na mesma vila, com Jorge Sena.

Trespasa-se

— NO APEADEIRO DE SARIINHOS, casa de vinhos, comidas, frutas e hortaliças, por não poder estar à testa do negócio.

Informa no referido local, António S. Marques.

Musical Clube Alfredo Keil

Solenizando o 49.º aniversário de fundação desta importante colectividade de recreio da nossa vila, realiza-se no próximo domingo, dia 7 do corrente, uma grandiosa «soirée», com início às 22 horas, para apresentação do excelente Conjunto Musical «Eugénio Machado», o qual tem obtido notável êxito nas suas últimas actuações.

O salão de festas do Musical encontra-se decorado a rigor, para a recepção a dispensar aos seus sócios e ressoectivas famílias.

Pela brilhante passagem da sua data de aniversário, «A *Provincia*» dirige-lhe as suas gratas felicitações.

LUTUOSA

Faleceu nesta vila na pretérita quinta-feira, dia 27, a sr.ª D. Zélia Donatília Marques Maurício, de 58 anos, natural de Montijo, casada com o sr. Francisco Augusto Maurício, e mãe das sr.ªs D. Elvira e Maria Helena Marques Maurício e dos srs. Jorge Marques Maurício, (nosso prezado assinante), Francisco e Virgolino Marques Maurício.

O seu funeral teve lugar no dia seguinte, para o nosso Cemitério Municipal.

A toda a família da extinta e em especial ao seu viúvo, bem como ao nosso estimado assinante, sr. Jorge Marques Maurício, apresentamos os nossos sentidos pésames.

Excursão a Évora

Realizando-se no próximo domingo, 7, na linda Cidade-Museu, o sensacional encontro de futebol no Estádio Estrela, entre as equipas Lusitano-Benfica, é proporcionada a todos os henfiquistas a possibilidade de assistirem a tão grandioso prélio desportivo.

A partida desta vila em autocarro com aparelhagem de T.S.F., terá lugar às 9 horas e o regresso daquela cidade, efectuar-se-á às 17,30.

Os preços desta excursão (47\$50) por pessoa, permitem a sua aquisição desde já na *Casa das Vergas*, Praça da República e Rua Serpa Pinto, 13 - MONTIJO - Telef. 030260.

Sociedade Recreativa

Progresso Afonsoeirense

Realiza-se no próximo domingo, dia 7, pela 21 horas, nesta simpática colectividade, uma nova *soirée*, que será abrilhantada pelo Conjunto Musical «Unidos do Jazz» e valorizada com um interessante número de novidade, intitulado «*Dança das Bandeirinhas*».

Por se tratar duma diversão sugestiva e de animação para a sua massa associativa, é de prever larga concorrência de associados e suas famílias.

Casa da Criança de Montijo

Realiza-se no próximo sábado, dia 6, no Cinema Teatro Joaquim de Almeida, desta vila, às 21,45 horas prefixas, uma atraente e sensacional festa de homenagem à valiosa Casa da Criança de Montijo, cujo programa foi cuidadosamente organizado e profusamente distribuído não só em Montijo, como nos seus concelhos próximos e na capital.

AGENDA UTILITARIA

Farmácias de Serviço

5.ª feira, 4 — *Diogo*
6.ª feira, 5 — *Giraldes*
Sábado, 6 — *Montepio*
Domingo, 7 — *Moderna*
2.ª feira, 8 — *Higiene*
3.ª feira, 9 — *Diogo*
4.ª feira, 10 — *Giraldes*

Boletim Religioso Vida Católica

HORARIO DAS MISSAS

5.ª feira, 4 — às 8, 8,30, e 9 h.;
6.ª feira, 5 — às 8,30, 9, e 18 h.
Sábado, 6 — às 8,30, 9 e 9,30 h.
Domingo, 7 — às 8 h. na Igreja da Misericórdia; às 10, 11,30 e 18 h. na Igreja Paroquial; às 9 h. na Capela do Afonsoeiro e às 11,30 h. no Santuário da Atalaia.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Evangélica Presbiteriana do Salvador — Rua Santos Oliveira, 4 - Montijo.

Domingos — Escola dominical, às 10 horas, para crianças, jovens e adultos. Culto divino, às 11 e 21 h.

Quartas-feiras — Culto abreviado, com ensaio de cânticos religiosos, às 21 h.

Sextas-feiras — Reunião de Oração às 21 h.

No segundo domingo de cada mês, celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucarística Sagrada Comunhão

Igreja Pentecostal, Rua Alexandre Herculano, 5-A - Montijo.

Domingos: — Escola Dominical, às 11,30 h.; Prêgação do Evangelho, às 21 h.

Quintas-feiras: — Prêgação do Evangelho, às 21 h.

Espectáculos

CINEMA TEATRO

JOAQUIM DE ALMEIDA

5.ª feira, 4; (Para 17 anos) O alegre filme em Cinemascope, com Teddy Reno, Giulia Robini, Peppino de Filippo e lindas mulheres: «O Pintor e os Modelos».

Sábado, 6; (Para 12 anos) Em homenagem à Casa da Criança de Montijo: «Orfeão do Benfica» e Variedades pela «Companhia Rentini», tendo à frente o impagável cómico do Teatro, Cinema e da Televisão: Camilo de Oliveira.

Domingo, 7; (Para 17 anos) *Matinée às 15,30 e Soirée às 21,15*, com o filme recente ente estreado em Lisboa, desta vez em maravilhoso colorido e Cinemascope: «Os Miseráveis».

2.ª feira, 8; *A's 15,30, Matinée Infantil* com o filme de permanente gargalhada: «O Festival de Charlot».

A's 21,15, (Para 12 anos) *Soirée*, com o maravilhoso drama colorido em Cinemascope: «Milagre de Amor», com Lauren Bacall e Robert Stack.

3.ª feira, 9; (Para 17 anos) O grande drama com Tony Curtis: «Dez Segundos de Silêncio»; e o filme de aventuras com Virginia Mayo e Peter Lone: «Congo».

Vende-se

— PROPRIEDADE com 15.000 m2 de terreno, tendo junto porto de mar e caminho de ferro. Informa nesta redacção.

Trespasa-se

— CASA COMERCIAL composta de mercearia, louças, vinhos e lanqueiro.

Estrada das Nascentes, 9 - MONTIJO - Telef. 030450.

SANFER, L.ª D.ª

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41.º

MONTIJO, Rua de B. L. Vista

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Há já bastante tempo, num modesto trabalho que então publicámos condenámos a existência das barracas de tiro que vagabundeando durante o período das festas e das feiras de terra em terra, se iam instalar durante o inverno em qualquer localidade, dando não só uma nota feia e bastante triste ao lugar, como até constituindo um perigo para a formação da gente moça.

Felizmente o caso mereceu ultimamente a atenção superior e foi na verdade com a mais profunda satisfação, que constatámos a ausência de tais núcleos de indecoro e corrupção, nas festas que visitámos este ano.

Todavia tão acertada medida não conseguiu resolver totalmente a sanidade moral das festas, porque algumas das citadas feirantes, por lá andavam dedicadas a disfarçados negócios, mas cuja presença vinha da mesma maneira, conspurcar o ambiente.

Vem tudo isto muito a propósito numa altura em que entre nós tanto se reclama a extinção pura e simples das toleradas, sugestão aliás da qual partilhamos abertamente.

Dissemos então no nosso trabalho anterior, que nos penalizava imenso, ter que utilizar a nossa pena para escorraçar mais ainda da sociedade, essas pobres infelizes a quem um mau destino roubou a alegria e a doçura dum lar feliz. Na verdade assim é... e sempre que dissertamos sobre este assunto, fugimos de ferir as míseras toleradas que na maioria das vezes, são as menos culpadas do degradante caminho que trilham.

Porém tal facto não obsta que condene-mos o lupanar e o repudiemos como o mais ubérrimo manancial de depravação. A sua existência é quanto a nós, a maior afronta à civilização cristã e a maior ofensa ao homem civilizado, que é filho, irmão, esposo e pai da mulher!

A prostituição tolerada é uma maldição que nos pesa, é sem dúvida alguma a maior chaga dos nossos dias, é uma flagrantíssima manifestação da falsa sanidade moral do homem de hoje, é o mais acentuado desnível da civilização e da cultura nesta era do dealbar dos foguetões siderais; é a maior flagelo para o homem de amanhã, essa juventude que a observa de cujo contágio não só física como moralmente, trará repercussões graves e muitas vezes irreversíveis que fatalmente se reflectirão

Problemas dos nossos dias

Por - José Rosa Figueiredo

na sua conduta pela vida fora e logo assim sairão frustados todos os bons ensinamentos ou princípios por muito nimbados que sejam, que os mestres de moral se esforcem por lhes ministrar.

Mas será apenas com o encerramento de tais antros, que se resolverá o problema de tantas infelizes que infelizmente por aí abundam? Quere-nos parecer que não!

O problema é dotado dum complexismo enorme, pois seria necessário cuidar-se primeiramente na sua re- adaptação na sociedade, porque a não ser assim, seria o mesmo que cortar uma árvore junto ao solo, deixando-lhe no entanto profundas e férteis raízes escondidas na terra.

Com a extinção pura e simples desses antros e mantendo depois a tolerada afastada do convívio social, criando-lhe um mundo aparte

dentro do nosso próprio mundo, nada se resolverá.

Por tal motivo entendemos que o problema deva ser encarado bem de frente, disseminando-se o mal para que melhor possa ser atacado.

Culpas? Não são difíceis de achar tantas são elas!... E quem as não conhece...

Sabemos bem que a enorme máquina social, não atingiu ainda por razões várias, a maior perfeição e impede assim que a justiça, o dever e a rectidão, consigam alcançar todos os sectores da vida, todos os seus recantos e todos os problemas da Humanidade!

Talvez por isso a sociedade as despreza... No entanto é esta mesma sociedade tão cheia de imperfeições, que tem na realidade, quicá responsabilidades na sua existência!

Nada de útil se alcançará

desprezando-as e humilhando-as. Não é esta a melhor maneira de lhes manifestarmos a nossa reprovação.

Se um indivíduo cegar repentinamente numa encruzilhada e não tiver quem o guie, correrá com certeza o risco de enveredar pelo pior caminho e despenhar-se nalgum precipício.

Os infelizes carecem de carinho, de conforto e de compaixão; e os pecadores, de conselhos e estímulo para a ressurreição... e é tão fácil levar um pouco de luz aonde a treva impera!...

MONTIJENSE:

Colabora espontaneamente para que o nosso concelho seja apontado como símbolo de civilidade! — O cuspir, o lançamento de inútilidades e inutilidades para a via pública, é sintoma de pouca educação e desrespeito pelo próximo!

MUITOS



MWM DIESEL

JÁ INSTALADOS COMO MOTORES DE PROPULSÃO
E EM GRUPOS AUXILIARES EM

Handwritten signature: Manuel Giraldes de Silva

MONTIJO

BACALHOEIRO

CARGUEIROS, ARRASTÕES

REBOCADORES E BARCOS
DE PILOTOS

EMBARCAÇÕES FLUVIAIS
DE PASSAGEIROS

TRINEIRAS DE

TOCOS OS TIPOS

VELETAS

POTÊNCIAS DE 5 CV ATÉ 250 CV PARA ENTREGA IMEDIATA
DESDE OS NOSSOS ARMAZÉNS

J. WIMMER & CO., LISBOA

TELEFONES 66 01 27/129

AVENIDA 24 DE JULHO, 34

REPRESENTANTES
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
ORÇAMENTOS

Notícias diversas

DE PORTUGAL

— No decurso do passado mês de Setembro, a exportação de cortiças portuguesas, de várias qualidades, totalizou 14.573 toneladas, no valor de 122.546 contos.

— A Acção Católica Portuguesa, movimento de natureza essencialmente religiosa, comemorou solenemente o 25.º aniversário da sua fundação.

— Foram dadas por findas as pesquisas para encontrar o avião «Porto Santo», que desapareceu ao largo do Cabo de S. Vicente.

— A Ilha do Faial está a verdecer e o vulcão dos Capelinhos mantém-se no seu maior período de acalmia.

— A exemplo do que fez a população de Moçambique, a de Angola solicitou autorização ao novo Marechal Craveiro Lopes, para lhe oferecer as estrelas que correspondem à nova e alta patente do exército português de que há pouco foi investido.

— Com a idade de 70 anos, faleceu na sexta feira, 28, o distinto actor, concessionário do Teatro Nacional e homem de letras, Robles Monteiro. Deixa viúva a grande actriz Amélia Rey Colaço e era pai de outra grande artista, a actriz Mariana Rey Monteiro.

— Foi submetido no último sábado, dia 29, à prevista intervenção cirúrgica na Casa de Saúde da C.U.F., o sr. Dr. Miguel Bastos, ilustre Governador Civil de Setúbal. A operação decorreu muito bem, sendo lisongeiro o estado de saúde do estimado homem público, o qual se encontra convalescente, no quarto particular n.º 17, daquela Casa de Saúde.

Apresentamos a sua Ex.ª os nossos votos de breve e completo restabelecimento.

DO ESTRANGEIRO

— Devido às cheias do Rio Pó, a região italiana abrangida pelo Delta, está sendo desoladamente inundada. Há mais de dez mil pessoas sem abrigo, plantações e colheitas completamente perdidas e registam-se catorze mortes.

— No Lago Michigan uma tempestade partiu ao meio um navio e voltou um barco salva-vidas.

— Diz-se em Londres que a Rússia renunciará aos seus direitos sobre Berlim, o que poderá ser um passo para a desejada unificação da Alemanha.

— As exportações brasileiras de café atingiram no passado mês de Outubro, 1.574.634 sacas de 60 quilos; ou sejam 94.478.040 quilos. No mês anterior, haviam sido exportadas menos 500 mil sacas, num total de 30 milhões de quilos.

Confraternização de antigos alunos do Liceu de VIANA DO CASTELO

A «VELHA GUARDA» do Liceu de Viana do Castelo reuniu de novo, este ano, naquela cidade em festa de puro estilo académico.

Essa festa iniciou-se no pretérito dia 30 com uma missa de sufrágio, às 10 horas, por alma dos mestres e condiscípulos falecidos e seguida de romagem ao cemitério.

Na tarde do mesmo dia efectuou-se uma reunião dançante, dedicada a todos os alunos e famílias; e na última 2.ª-feira, 1.º de Dezembro, realizou-se o tradicional jantar de confraternização.

“Este vale de lágrimas...”

Crônicas de ROMEYRA ALVES — N.º 7

Zacarias olhou para mim, tirou duas ou três fumaças do cigarro, pôs-se, por momentos, a apreciar os desenhos caprichosos feitos pelo fumo azulado na atmosfera sufocante do café, sacudiu um imaginário grão de poeira da aba do casaco e, finalmente, principiou:

— Sabes o que te digo, meu rapaz? Isto, cada vez, caminha de mal a pior...

Fez uma pausa, para avaliar o efeito das suas palavras na minha pessoa, mas, talvez porque me visse muito calmo e atento, continuou logo:

— Isto é o lugar-comum, bem sei... O mais que bafido lugar-comum das minhas afirmações... Tem paciência e vai-te contentando... De qualquer das maneiras, o que me espera, qualquer dia, com essa tua mania de fazeres das minhas palavras motivo para as crônicas que escreves, é uma ofensiva em forma por parte de todas aquelas pessoas que primam por terem hábitos e costumes que eu não deixo de censurar... Espero que, nessa altura, te lembres de que é no hospital que se conhecem os amigos...

Nova pausa, que aproveitou para esmagar o cigarro no cinzeiro. Depois, apoiando os braços na mesa do café, proseguiu:

— As bombas atômicas e quejandas e o famigerado «rock and roll», limitam, presentemente, os horizontes desta pobre Humanidade sem miolos e sem coração... E se não, vê: é vulgaríssimo ler-se nos jornais, lado a lado, a notícia duma nova experiência científica — científica, hein?... — e uma sessão de «rock», que acaba normalmente à bofetada... Como vês, as duas coisas igualam-se, ou completam-se, o que vem a dar no mesmo... Quer dizer: enquanto, por um lado, os mais velhos procuram inventar um engenho que acabe duma vez para sempre com a população do Globo, os mais novos, possuídos duma loucura e dum instinto de homem das cavernas, vão-se degladiando uns aos outros, aos poucos talvez para tornarem mais fácil a tarefa dos primeiros...

Ainda uma pausa. Como nos mantivéssemos silenciosos, Zacarias continuou:

— Isto vem a propósito duma cena que observei, há dias, num autocarro... Uma cena edificante entre três raparigas, estudantes naturalmente, orçando entre os dezasseis e os dezoito anos, segundo um cálculo tanto quanto possível exacto... Alegres, plenas daquela alegria própria da sua idade, encheram o autocarro com as suas frases sonoras... A mim, como a outros passageiros, chamaram-me a atenção pelo ruído que provocavam, com as suas garga-

lhadas e os seus ditos joviais...

Zacarias olhou para mim bem de frente:

— Até aqui tudo bem. O pior — quanto a mim, evidentemente — foi o longo rosário de expressões mais ou menos modernas, que me deixaram positivamente de boca aberta, talvez por saírem de bocas femininas... Foi um nunca acabar de «eh, pá», «tipos», e outros termos semelhantes que, saídos daquelas bocas juvenis, me feriram os tímpanos, como tímpanos sensíveis de damas feridos pelo fraseado elegante dum ébrio... Fiquei-me a olhá-las, meu rapaz, e confesso-te que senti em mim algo de indefinível, um mixto de tristeza e dó, por essas cabecinhas loucas que representam, afinal, as mulheres de amanhã...

Zacarias fez um gesto largo com as mãos abertas:

— Sim, rapaz: essas raparigas serão amanhã esposas, mães, donas de casa, seguindo a ordem natural imposta pela Natureza e pela sociedade... Eu pergunto a mim mesmo, no entanto, que formação levam elas para, num futuro próximo,

encararem as responsabilidades que as esperam? Que garantias podem elas dar, perante aqueles a quem tenham de dar contas dos seus actos, das suas atitudes e da sua maneira de ser? Como poderão elas educar os filhos que Deus lhes destinou, se nem elas mesmas levam educação suficiente que baste a si próprias?

Com um sorriso triste, Zacarias acendeu um cigarro:

— Sim... elas fizeram-me pena... Talvez porque no nosso tempo as raparigas não fossem assim... Havia mais bom-senso... mais calma... mais ponderação... Hoje, as raparigas fazem gala em acamaradar com os rapazes, discutindo com eles sobre todos os assuntos... e aí daqueles que as criticam... O menos que lhes pode suceder é serem alcinhados de bota de elástico, termo muito usado por essas meninas e meninos... Botas de elástico... Sim, meu rapaz, talvez elas e eles tenham razão... Mas, de qualquer das maneiras, nem eles podem imaginar quantas graças eu dou a Deus... por ser, também, um bota de elástico!...

M ã E

(Continuação da primeira página)

muitas mulheres não têm esse instinto. No filho nunca elas vêm desaparecer a criança; e esse homem grisalho de quem elas se ocupam, que aconselham ou repreendem, é sempre a seus olhos um miúdo.

A medida que avançamos pela vida fora, verificamos que o homem ao declinar da existência tem tanta necessidade de sua mãe como quando era criança. Na verdade a criança em nós não chega a morrer. E desde que a doença nos atinge e nos desarma, lá está ela de novo, a criança exigente, a necessitar de mimos, de amparo, a querer ser consolada e embalada.

E é por isso que muitas vezes, a esposa, instintivamente, volta a ser mãe à cabeceira desse doente. É assim que ela assume junto do homem que a fraqueza reduziu à infância, o papel de mãe que já não existe.

Esta é talvez a última maravilha do coração feminino, quando o amor maternal e o amor conjugal se aliam nele e nele se fundem para não serem mais, do que essa ternura da esposa debruçada sobre o companheiro ferido e padecente.

Mas aí! quanto não tem feito a sociedade contemporânea para «matar a mãe».

Tudo se passa no mundo moderno, como se existisse um dirigente do jogo, com a convicção de que é a Mãe que antes de tudo é necessário atingir. No mundo que vai

sendo necessário reconstruir, o esforço deverá convergir tudo para este ponto: RES-TITUIR À MULHER O SEU VERDADEIRO LUGAR, restituí-la à sua missão essencial.

Abençoado dia 8 de Dezembro «DIA DA MÃE», perante o qual nos curvamos respeitosamente.

Ribeiro Nunes

Mulher - Mãe

(Continuação da 1.ª página)

que ela é o princípio desse mistério que nos mostra o poder da grandeza infinita e a pobreza da intelectualidade humana.

E não será a graça da maternidade o fundamento de toda a força do coração de Mulher?

E se não fora esta como não sucumbir, ante as ilusões da vida?!...

Calem os sentimentos das que hoje são consagradas, o dia é de festa, paguemos às nossas Mães o tributo de reconhecimento respeitoso que lhe é devido louvando a Virgem pela Sua Santa Imaculada Conceição.

«Nesta hora de beleza sem igual
Te louvamos Padroeira bendita
Desto nosso querido Portugal!»

Selsdodos Branco

Visado pela Censura

O Ensino Primário em Montijo

Carece de uma medida bem aferida

Por NUNO DE MENEZES

Não se erra se dissermos que Montijo, a progressiva vila das terras ribeirinhas, conta na frequência dos seus Postos de Ensino Primário, com uma vasta centena de crianças, de ambos os sexos.

Este importante núcleo populacional infantil, está dividido em diversas zonas, que compreendem a Vila propriamente dita e os seus distantes Bairros.

Contudo, somente dentro da Vila elas podem frequentar a 4.ª classe, tendo as moradoras nos bairros excêntricos que fazer um longo percurso desde suas casas à escola, — ora debaixo dum intenso calor; ou ainda, tirando como aves implumes logo pela manhã —, assopradas por uma brisa frígida; isto, quando a aragem não se apresenta de mãos dadas com a chuva.

Demonstrado, fica o primeiro problema em que as crianças pequeninas, sós, estrada fora ou por atalhos, são forçadas a grandes percursos, por as suas escolas não possuírem meios de frequência da 4.ª classe, afastando-se de casa e comendo alguma coisa pela manhã (as que o podem fazer), para voltarem a horas tardias, prejudiciais para estômagos frágeis e corpos em crescimento, e debruçemo-nos sobre o parapeito do segundo caso.

No segundo aspecto, poder-se-á locar o baixo nível de vida de seus pais.

Sendo Montijo sem dúvida uma terra laboriosa, onde esguias chaminés espargem para o espaço o fumo do progresso, — os operários, pais da maioria dessas crianças — bem pouco ganham, lutando por vezes com crises de trabalho, pois nem sempre o há fartamente, devido a circunstâncias diversas por que atravessam as nossas indústrias, forçadas neste momento em grande parte a três dias semanais de trabalho, e aqueles não têm condições de vida, para poderem arcar com certas exigências a que o ensino de seus filhos os obrigam.

Mais entorpece ainda o nosso espírito de pai, quando

CARTA ABERTA

(Continuação da página 8)

Com um abraço amigo de amiga verdadeira eu te saúdo e venho homenagear a terra onde tiveste a ventura de nascer.

«A alma de Trás-os-Montes
É a luz de Portugal,
A'gua a cintilar nas fontes
No seu murmúrio irreal.»

Sempre grata responderei aos teus escritos e me peço os leitores a extensão da minha entusiástica carta.

Minda Pires

sabemos que essas exigências não são de lei na maioria dos casos; mas sim estabelecidas, muito especialmente, pelas novatas e graciosas regentes escolares — (algumas não as distinguimos por entre a miudagem, tão novas elas são!) — como seja a obrigatoriedade das batas brancas, trajo lindo no ambiente escolar, quando se pode, não permitindo certos vestidos a crianças de palmo e meio, como sejam os decotes ou as chamadas «manguinhas de cava», obrigando-as até a voltarem a casa perdendo tempo, quando algumas moram longe, para mudarem de vestuário ou se calcem, quando a maioria delas há muito veem os sapatinhos muito bem dispostos nas montras dos estabelecimentos, visto os pais não lhos poderem comprar.

Quanto à forma de vestir, as tais «cavas» e «decotes» em crianças ingénuas, que tomam essas artimanhas da moda como graciosidade refrescante, — o mesmo não sucede à maioria das suas regentes escolares, já crescidinhas, e por conseguinte, mais tentadoras ao pudor, achamos não ser indecorosa nas crianças.

Baseiem-se na Doutrina Cristã, lembrando-se que Cristo, que é ELE, dizendo na sua doce linguagem: — «Deixai vir a mim as crianças, porque delas é o Reino dos Céus» —, não distinguiu nessa Bondade classes: nem as bem ou mal vestidas! Querias-as todas o Omnipotente!

Os seus pais, que vivem na maioria dos casos em precárias circunstâncias, ambicionam como chefes de família que seus filhos aprendam e, eles, coitaditos vão à frequência escolar como podem, li mpinhos com seus fatitos bordados à pobreza, ao que os ricos chamam «passajados».

Como vão maus os tempos, até para as crianças. Quanto é sublime Augusto Gil, no seu beijo de filigrana ao dizer na «Balada da Neve»:

«Que quem já é pecador,
Sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor,
Porque lhes dais tanta dor?...
Porque padecem assim?!»

Vários problemas já têm sido encarados e resolvidos sobre Montijo, — alguns de grande envergadura —, pelos homens atentos em cujas mãos foram confiados os nossos destinos.

Este será decerto um outro que merece o abalizado estudo das entidades que orientam o ensino primário em Portugal.

Os Bairros, principalmente aqueles vizinhos do Montijo, habitados por uma maioria de operários, carecem que as entidades competentes vol-

(Continua na página 6)

Basquetebol

O Montijo triunfou sobre o Almada e a Cuf. Almada, 33 - Montijo, 57

Jogo disputado no rinque do Almada Atlético Clube, a contar para o Campeonato Regional de Setúbal.

Sob a arbitragem dos srs. João Máximo e Hermínio Castro.

As equipas alinharam em arca-

ram: **ALMADA:** — Almeida, Floriano (8), Quintas (6), Moreira (2), Acácio (13), Pimenta (2) e Juarez (2).

MONTIJO: — Adriano, Américo, Teodemiro (13), José Maria (18), Tomás (23), Heitor (3) e Ribeiradio.

A partida Almada-Montijo que ficara adiada, realizou-se na passada quinta-feira, onde os montijenses lograram alcançar mais um expressivo triunfo.

A partida principiou com ambas as equipas a darem pouco rendi-

mento, talvez devido ao excessivo frio que se fazia sentir.

Infelizmente no nosso país, salvo raras excepções, o basquetebol é praticado ao ar livre mesmo em pleno inverno, sujeito portanto a todas as condições climatéricas, o que impede que o nosso basquetebol progrida convenientemente.

Ao intervalo o marcador acusava 19-11 a favor do Montijo.

Na segunda parte é interessante notar, que os dois conjuntos concretizaram o dobro da pontuação alcançada no primeiro tempo, ou seja o Montijo 38 e o Almada 22.

Em reservas os almadenses triunfaram por 36-32.

Montijo, 31 - C.U.F., 21

Inaugurou-se no passado do-

mingo, o novo recinto para a partida de basquetebol, instalado no Campo «Luís Almeida Fidalgo».

A contar para o Campeonato Regional de Setúbal, o Montijo defrontou o Grupo Desportivo da Cuf, que devido à importância do desafio requisitaram os categorizados árbitros lisboetas: Artur Resende e Albino Figueiredo, que dirigiram a partida.

Alinharam e marcaram:

MONTIJO: — Américo, Ribeiradio, Adriano, José Maria (10), Tomás (13) e Teodemiro (8).

CUF: — Alberto (9), Caronho, «ex-Farense», (4), Padrão (2), Figueiredo, Ludgero (6), Santos e Torrão.

Como vem sendo habitual na estreia dos campos de basquetebol em Montijo, e para não fugir à tradição, também desta vez choveu torrencialmente, o que prejudicou grandemente a actuação das equipas e levou o público a comparecer em número reduzido.

A Cuf veio ao Montijo com grande vontade de alcançar uma vitória, que lhe ajudasse a subir na classificação, pois com esta já é a quarta derrota que sofre no presente campeonato, o que deve afastar a equipa dum possível ingresso no Nacional da 1.ª Divisão.

O encontro iniciou-se debaixo de grandes chuvadas, havendo uma certa dificuldade em dominar a bola que estava muito escorregadia. A equipa da Cuf foi a primeira a marcar pontos, chegando a estar a ganhar por 8-0 e alcançando o intervalo com o resultado favorável de 16-12.

Após o descanso, os montijenses defendendo com grande eficiência, não consentiram que os cufistas marcassem mais que 5 pontos; mais inspirados nos lançamentos para o cesto, conseguiram converter mais 19 pontos, que foram suficientes para justamente vencerem a peleja.

Os reservistas da Cuf venceram os do Montijo por 34-21.

A arbitragem do duo lisboeta foi excelente.

Devido à crise financeira, que a secção de basquetebol do C. D. M. atravessa, não foi possível apresentar o recinto vedado, facto que a Cuf aproveitou para protestar o jogo.

Julgamos que o protesto não tem fundamento, porque as regras não falam se o jogo, pode ou não, ser realizado em recintos não vedados.

No entanto aguardemos a decisão da Associação de Basquetebol.

José Rosa

Grande Concurso

de Prognósticos de Futebol

Continuamos hoje a publicar os cupões de prognósticos deste valioso Concurso, que continua despertando interesse entre os nossos leitores.

Resultado do Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 11, de 30-11-58 — Cupões entrados: 131,

VENCEDOR: — *Edmundo Gomes Guilherme*, Rua das Fontainhas, 114-1.ª, de Setúbal, que acertou em doze resultados, a quem compete o 2.º prémio, de Esc. 100\$00, a receber nesta redacção por compras, em estabelecimento à sua escolha.

Deserminação das classificações por concorrentes: 1 com 12 resultados certos; 5 com 11; 21 com 10; 28 com 9; 34 com 8; 26 com 7; 12 com 6; 3 com 5 e 1 com 3. — Soma 131 cupões.

Campanha Pró-Clube Desportivo de Montijo

Por não ter sido favorável a este Clube o jogo Desportivo-Farense, não se fizeram marcações de pontos aos prognósticos favoráveis ao Clube Desportivo de Montijo.

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 13

Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»

Domingo, 14-12-58

2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Leixões	Vianense	Atlético	Serpa
Espinho	Gil Vicente	Juventude	Coruchense
Vila Real	Boavista	Portimonen.	Oriental
Sanjoanense	Oliveirense	Olhanense	Farense
Salgueiros	Chaves	Estoril	Arroios
Portalegre	Tirsense	Montijo	Sacavenense
Marinhense	Peniche	Beja	Almada

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão
Torreense Caldas

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 13

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 14

O Ensino Primário em Montijo

(Continuação da página 5)

tem para eles olhos, no que respeita ao problema do ensino, em edifícios com amplitude de classes e com seu professorado apto e experiente.

Igualmente as crianças não podem andar tanto; as crianças não podem andar às intempéries do tempo; as crianças não podem andar vestidas ao requintado gosto da sociedade, — basta que se apresentem limpas e dentro dos preceitos de higiene.

Como me recordei com saudade, em que eu, enquanto criança, como essas, que se me atravessam ao caminho alegres e despreocupadas, me apresentava em frente duma professora madura, de óculos acrobáticos sobre o adunco nariz, com a «menina dos cinco olhos» em punho, conforme minha querida Mãe podia.

Tinha que saber a lição, porque senão... Ai, como o tempo corre...

Nuno de Menezes

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Farense, 3 - Montijo, 1

Exibição de bom nível das duas equipas

Por não ter sido possível a deslocação à capital algarvia no último domingo, 30 do mês findo, do nosso redactor desportivo sr. Elísário Joaquim Carvalho, reproduzimos do nosso colega «A BOLA» a crónica do seu colaborador sr. Nebra da Costa, relativo ao prélio:

«O encontro era aguardado com bastante expectativa, dado que a equipa visitante (*de Montijo*), mereço do seu bom comportamento, na época passada, era a que melhor servia, neste momento, para aquilatar das possibilidades dos algarvios. E, na verdade, a equipa de Vieira, a despeito do terreno estar muito pesado, realizou bela partida de futebol e ganhou com toda a justiça à turma de Severiano Correia.

O resultado de 3-1 podia ter sido mais expressivo, se os avançados algarvios estivessem mais felizes no remate.

Em todo o primeiro tempo, aliás o melhor período do encontro, ambos os grupos se movimentaram com muita harmonia, evidenciando todos os jogadores bom toque de bola, bom sentido de desmarcação e, sobretudo, muito espírito de entreajuda, como aliás, estava indicado para um terreno pesado como o de domingo, em S. Luís.

Exceptuando o primeiro golo, que foi obtido por Rialito, na sequência dum livre, todos os outros foram marcados em consequência de lances de muito bom futebol, culminados com remates fora do alcance dos guarda-redes.

O Farense foi a equipa que primeiro marcou e continuou a adiantar-se no marcador, mas a turma de Severiano, até ao momento em que marcou o seu golo (23 minutos), era a mais «técnica», especialmente quando o esférico estava nos pés dos seus avançados.

Com efeito, os dianteiros montijenses trocavam a bola entre si com grande facilidade, desmarcando-se sempre com muito a propósito e não se tornava necessário entrarem dentro da grande área para visarem a baliza de Isaurindo. Aliás, foi assim mesmo, de fora da grande área, que Garroa marcou o golo da equipa.

Esse bom período dos montijenses, no entanto, durou apenas até ao momento em que obtiveram

o golo, pois o Farense, vendo o perigo a avizinhar-se, reagiu tanto que, daí até ao intervalo, jogou permanentemente no meio campo do adversário, e tão bons lances criou (alguns deles de baliza aberta) que parecia impossível não serem convertidos em golos.

Até ao intervalo, a turma de Severiano passou por momentos de aflição pois o esférico rondava, e sempre com o maior perigo a baliza de Redol que, por sua vez, tinha de redobrar de energias para acorrer a um e outro lado, a evitar que o esférico chegasse mais vezes ao fundo da sua baliza.

Muitos dos remates a que se opôs com valentia, um houve, feito por Remígio que o inanimou por alguns minutos, pelo que teve de ser assistido fora do terreno.

Pelo que ficou dito, infere-se que, ao intervalo, a marca de 3-1, que veio a ser também a que se registou ao fim dos 90 minutos, podia ter sido bastante maior.

Após o reatamento, o futebol não foi o mesmo nem podia, evidentemente, ser, pois as equipas tinham, fatalmente, de acusar o esforço dos primeiros 45 minutos.

Contudo, assistiu-se ainda a algumas belas jogadas por uma e outra equipa e, tal como no primeiro meio tempo, os avançados locais criaram boas oportunidades de levarem a contagem, mas, ou porque demoravam o remate ou porque o faziam sem direcção, o marcador não se alterava.

No declinar do encontro, o Montijo acudiu a pressão a que vinha estando sujeito, começando a aparecer muito, junto da baliza de Isaurindo, algumas vezes com bastante perigo, pois numa delas, foi necessário que a defesa do Farense provocasse «penalty» (que o árbitro, aliás, não assinalou) para evitar que o esférico chegasse ao fundo das balizas.

Pouco depois, o encontro terminou, mas com o Farense já a ataque e, por sinal, com muito perigo para a equipa do Montijo.

Se o resultado não se justificava ao intervalo, muito menos certo estava ainda no final.

Na turma visitante, todos os jogadores atingiram bom plano; todavia, Barrigana merece que o citemos à parte, pois foi o elemento que mais se destacou. Em conjunto a equipa agradou-nos muito.

No Farense, todos os jogadores cumpriram a sua missão, Pereira foi, no entanto, de longe, o melhor elemento. A continuar assim, deve ter solucionado o problema da linha média da sua equipa.

Em conjunto, os algarvios realizaram boa partida de futebol.

A arbitragem do sr. Jaime Pires (de Lisboa), foi muito deficiente e das suas deficiências tanto podem queixar-se uma como outra equipa.

Perdoando uma grande penalidade ao Farense, o juiz lisboeta prejudicou o Montijo: transformando em lançamento de linha lateral, um agarrão de camisola em que o jogador agarrado perdeu o controle do esférico e um pontapé de «canto» (flagrantíssimo) em pontapé de baliza.

Vendem-se

— DUAS MORADIAS no Afonsoeiro - Montijo.
Trata Joaquim Rocha, R. Serpa Pinto, 43 telefone 030065.

Trespassa-se

— ESTABELECIMENTO da Drogaria em bom local e com boa clientela.
Nesta redacção se info: ma.

Vende-se

TERRENO, para construção, de 15\$00 o m², na Lançada.
Trata na R. Sacadura Cabral n.º 1 - Montijo.

AUTOMOBILISMO

«Ball Dedicação e Saudade»

Segundo noticiámos no número da semana finda, o Clube «100 à Hora», efectuou no domingo, dia 23, a prova sob o título que nos serve de epigrafe, de Lisboa a Montijo, que tinha por fim principal reunir os veteranos do automobilismo e novos praticantes dessa modalidade desportiva numa festa de confraternização.

Essa prova reuniu sesenta e cinco volantes, tendo se realizado no final na Avenida D. Afonso Henriques, desta vila, uma prova complementar, a qual no seu conjunto foi deveras interessante.

Corredores e organizadores reuniram-se no final, num almoço de confraternização, o qual teve lugar na quinta de S. Lourenço situada no Chão Duro, propriedade do Sr. João de Castro.

Os melhores tempos na prova complementar aqui levada a efeito, foram obtidos pelos srs. Fernando Basílio dos Santos, Isaac Costa Santos Silva, Fernando Tordo, Nunes dos Santos, Romão Martins, Carlos Anjos e o nosso co-terráneo, e dedicado a si e a sr. Carlos Lopes Amaral.

Montijo sentiu-se honrada pela visita da caravana motorista dos «100 à Hora», e o nosso jornal felicitou os seus organizadores e participantes pelo brilhantismo da sua iniciativa.



do Minho ao Guadiana



Bombarral

— Realizou-se nesta vila, no passado dia 9 de Novembro o VI Cortejo de Oferendas a favor do Hospital Casimiro da Silva Marques.

O produto total desta jornada de caridade, inferior em entusiasmo e êxito material aos cortejos anteriores, deve atingir cerca de 70 contos.

Tomaram parte meia centena de carros, que desfilarão perante o sr. Governador Civil do Distrito, que assistiu ao Cortejo da varanda dos Paços do Concelho.

— Promovida pelo Comando Distrital da D.C.T. e da Legião Portuguesa, realizou-se no passado dia 12, no Teatro Eduardo Brasão, desta vila, uma sessão de propaganda da Defesa Civil do Território, tendo o sr. capitão Henrique Gambeta Peres Brandão proferido uma palestra alusiva à organização da defesa civil da população não só em caso de guerra como em tempo de paz, seguida da projecção de filmes de formato reduzido sobre o tema da sessão. — (C.)

Moita do Ribatejo

No passado dia 22 do mês findo, uma furguneta pertencente à firma Armando Costa & Manuel Joaquim F. Costa, de Lisboa, conduzida por um sócio da firma, sr. Armando Costa, colheu no cruzamento da Avenida Teófilo Braga, com a Praça da República, o sr. Napoleão Francisco Angelo de 63 anos de idade, conceituado industrial desta vila, que seguia na sua bicicleta motorizada.

Imediatamente socorrido por muitos populares que se encontravam próximo do local e pelo condutor da viatura, foi observado pelo Dr. Carlos Santos, que o fez seguir na ambulância dos Bombeiros Voluntários da Moita, para o Hospital de S. José, em cuja sala de observações ficou internado, tendo sofrido fractura de um pé, e várias contusões no tórax e cabeça.

Recolheu mais tarde a casa, onde se encontra retido no leito, mas felizmente o seu estado não inspira cuidados, pelo que lhe desejamos boas e rápidas melhoras. — (C.)

Esos de Setúbal

(Por Rui Oliveira)

— Nos dias 22 e 23 do mês findo, electuaram-se as festas do 91.º aniversário da fundação da Sociedade Musical Capricho Setubalense, com o seguinte programa: Sábado, dia 22 — às 8 horas, alvorada e embandeiramento da fachada da sede; às 20 horas, sau-

dação à cidade, pela Banda da Sociedade, que se fez acompanhar do seu estandarte; às 22 horas, grandiosa sessão solene, em que usaram da palavra vários oradores; Domingo, dia 23 — às 11 horas, missa na Igreja de S. Julião, por alma dos sócios já falecidos, em que a sua Banda executou a Avé-Maria, de Gounod; às 15 horas, romagem ao Cemitério, em visita às campas dos sócios falecidos; às 22 horas, um animado baile abrihantado pelo Conjunto Musical «Flórida».

— No domingo, 30, às 15 horas, continuaram as suas comemorações de aniversário, com um valioso concerto pela Banda da Capricho Setubalense, no Coreto da Avenida Luisa Todt, e às 22 horas, um imponente baile na sua sede, pelo magnífico Conjunto Musical «União», para encerramento das suas festas, pelo que lhe dirigimos as nossas fe-

Alcochete

Desastre de bicicleta

Quando há dias seguia na sua bicicleta, perto desta vila, o sr. António Alves Borges de Sousa, padeiro, de 27 anos, aqui residente, foi embater com a máquina de que era condutor, numa camioneta que estava estacionada na estrada, com as luzes apagadas.

Do embate sofrido, resultaram graves ferimentos ao ciclista, que exigiram a sua hospitalização em Lisboa.

(E.)

licitações e votos de risonho porvir.

— No domingo, 23, realizaram-se igualmente bailes nas seguintes colectividades desta cidade: às 16 horas, no União Futebol Avenida e às 22 horas, no Clube Recreativo de Palhavã.

— No ringue do Clube Naval Setubalense realizou-se no último dia 29, um festival desportivo promovido pelo Grupo Desportivo «Os Ibéricos», de Setúbal, em comemoração do 1.º aniversário da sua fundação. Do programa constaram, jogos de basquetebol e handebol de 7 entre as equipas dos Ibéricos e dos Amigos do Naval para atribuição das taças «Comissão Municipal de Turismo de Setúbal» e «Cosel».

— No Clube Setubalense realizou-se no passado dia 30 de Novembro, o baile comemorativo do 103.º aniversário o qual foi abrihantado pelos Conjuntos «Siegund Galarza» e «Eugénio Machado».

Foto Cine Filme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos Fotográficos

Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

Frustração

(Conto) Por GUIDA

Havia música, alegria, loucura. Havia sombras em redopio esfuziante, tilintar de vidros e conversas murmuradas e eternamente por terminar. Havia pares, grupos ou pedaços de humanidade sem identificação... Havia uma varanda larga e orlada de flores, que dava para uma estrada cinzenta e deserta; havia estrelas e uma aragem fria; havia um calor gelado nas imensas salas iluminadas. Havia sonhos esboçados, inconcretos. Havia alegria, indiferença e mesmo tédio, nos rostos impessoais de pessoas sem personalidade. Havia frustração, vazio, eterno e transcendente, no instante efémero e repetido. Havia gargalhadas ocultas, imprecisas, trituradas na música alvar enervante. Havia quimeras suspensas no silêncio obscuro das luzes debruçadas sobre as almas, sobre os corpos, sobre a matéria e sobre o eterno.

Ria-se... falava-se... dançava-se... E, no entanto havia nos cérebros a noção indefinida de que existia uma irrealidade irreal nos seus gestos ensaiados e descontrolados.

Ela ria e sabia que não tinha a mínima vontade em fazer transparecer uma alegria que se lhe apresentava frustrada, incompleta...

Mas tinha que rir, dançar, falar. Mostrar aos outros o mesmo que esses outros simulavam mostrar-lhe.

Ali estava Ela, distante, intangível, sentindo no corpo o contacto do seu par — que não sabia quem era, que não tinha para Ela a menor existência real —, nos lábios distendidos um sorriso enganador e nos membros cansados uma agilidade constante, igual e infinita. A música não parava, os pares continuavam a seguir-lhe o ritmo macabro, e os seus pés rodavam, incansavelmente extenuados, no recinto polido e escorregadio. Tão escorregadio quanto as suas sensações rápidas e desiguais.

Estava ali porquê?

Havia sempre um porquê em cada vida! Porquê? E essa interrogação erguia-se, implacável e monstruosa, por entre os balões suspensos no tecto.

Porquê?

Era inútil perguntá-lo a si própria. Teria para si a mesma resposta que as perguntas: porque nascera, porque havia de morrer? Tudo era um acidente, um acaso. Tudo! A própria vida era um acidente, um acidente que se transformaria em tragédia se Ela não tivesse a certeza de que era inútil complicar as coisas. Que podia Ela, Ela ou qualquer outra pessoa, contra o caos de acasos desencontrados que povoam as vidas?

Habitara-se a viver sem perguntar aquilo que não tem resposta, sem responder a interrogações sobre as quais não tinha uma idéia formada e positiva.

Que lhe importava estar neste lugar ou noutro qualquer? Neste mundo ou noutro? Viver ou não viver? Morrer ou ser eterna? Que lhe importava

ser uma desconhecida ou uma íntima, uma rainha ou uma mendiga anónima? Que lhe importava que o acidente da sua existência fosse benéfico ou catastrófico? Tudo tinha um valor ou uma importância relativa. Tanto podia ser feliz ali como no fim do mundo. Tudo dependia do momento do acaso.

Não lutava nunca contra o que tinha que ser, nem nada tinha um significado imperioso na sua vida.

Se quisesse, podia ir-se embora ou continuar ali, rir ou chorar, sentir ou não sentir, amar ou odiar, ser simpática ou detestável. Tudo estava na razão do seu querer. Mas não queria nada. Sorria fixamente e chegavam-lhe aos ouvidos palavras idiotas de que não tirava sentido.

Finalmente a música cessou por instantes e Ela perdeu-se por entre a multidão animada e monstruosamente ridícula.

* * *

Tinha sede.

Aproximou-se do bar e tomou uma bebida forte, estimulante. Sentiu-se extenuada e não queria que nada a vencesse. Nem o cansaço, nem a revolta, nem o amor, nem a vida. Ela seria sempre a personificação do triunfo, um triunfo mesquinho e inconsequente.

E Ela sabia que era assim, mas isso não lhe importava. Era triunfo. E isso lhe bastava.

Alcançou a varanda soturna e repousante. Era o limite do mundo. Calma, silenciosa, obscura.

Além, duas sombras caminhavam, enlaçadas. Ela olhou-as, indiferente. Sentia uma perversa vontade de rir, de rir sem motivo de controlo. De rir, somente. De rir do fracasso do próprio mundo, de que se excluía; para poder apreciá-lo e desprezá-lo, sem se atingir a si própria.

Um homem aproximou-se e veio encostar-se a uma trepadeira, a seu lado.

Ela não se admirou. Olhou-o directamente. No seu rosto havia o estigma da frustração.

Ela riu, por entre os lábios cerrados.

Ele continuou a fixá-la, num olhar sem expressão. Nos lábios, aquele sorriso apenas esboçado que marca os falhados e os descrentes.

Dançou com ele, e gostou. Ele dançava num ritmo rápido, mas abandonado e indiferente. Era um ser «à parte», também. E ela gostava dos seres «à parte».

Não trocaram nunca uma palavra. Ela sentia que com ele não precisava mentir, mostrar-se alegre. Ele pressentiria imediatamente essa mentira. E dançavam sem falar, sem sorrir, sem artifícios. Eram iguais e não podiam enganar-se. Havia uma identidade estranha entre aqueles seres que seguiriam, depois, rumo diferente, desencontrado. Mas sentiam-se inexplicavelmente bem, assim, unidos, fora do mundo dos «outros».

Era um sentimento nunca sentido, momentâneo. Talvez que amanhã já se não recordassem um do outro, mas neste momento formavam um bloco único, igual e intransponível. Neste momento nem ele nem Ela existiam. Existia apenas uma alma, uma personalidade, um mundo diferente, único, efémero.

Dançavam não pelo prazer de dançar, mas pela necessidade inadiável de formarem um só, de corpo e alma.

Sentiriam saudades dessa noite, um dia?

Talvez não. Essa noite, essa união, seria única, eterna, intransponível...

Nota de Abertura

PROSSEGUE hoje neste semanário sob o título de «ARCO IRIS», em página mensal, aquela que em primeiros tempos de «A Província», se publicava com a epigrafe de «Porta Aberta» e que igualmente se destina a dar guarida aos originais dos «novos», encaminhando-os nos seus primeiros voos, sob a feição literária, quer seja na composição poética ou difusão da literatura prosódica.

Esta página é reservada aos nossos assinantes e leitores, — desde que as suas produções possam merecer o bom acolhimento do público leitor, — sendo permitido contudo o uso de pseudónimos, os quais ficarão sendo de conhecimento restrito desda redacção.

Para esse efeito os originais deverão ser entregues pessoalmente neste jornal ou enviados por correio «A Província» em envelope fechado, com a indicação do nome do remetente e sua morada.

Igualmente se informa que não serão publicados os originais, revestindo o aspecto de plágio ou reversão de autores já consagrados.

A Redacção

N.º 3

ARCO-IRIS

4-12-58

Página mensal de colaboração dos nossos leitores e assinantes

A MULHER

*A mulher, obra-prima de escultura,
É fascinante filha da avó Eva,
Escaminho de encantos mil, que enleva,
Sonho louco de louca aventura.*

*É fonte inexaurível de ternura,
Fanal de doce amor, que prende e cega,
Do Homem é companheira, é colega,
A quem seduz radiante formosura.*

*Simboliza a Natureza criadora;
A simbiose da vida ela contém;
É filha, esposa, mãe, serva e senhora:*

*É manancial de vida, anjo do Bem,
Da Humanidade eterna protectora:
Uma delas foi minha q'rida mãe.*

Hermínio Ferreira

Avé - Maria!

*Avé-Maria, cheia de graça
Nascida duma glória imortal;
Que à nossa vida se abraça
Destruindo todo o nosso mal.*

*Avé-Maria, sejas bendita
Que dos céus à terra desceste,
Com alma pura e infinita
Ligada à vida que Deus nos deste*

*Avé-Maria, cheia de bondade
É belo valor espiritual;
Que à vida deste a verdade
É à alma tão pura moral.*

*Avé-Maria, mãe piedosa
Cheia de paz e boa harmonia;
Que encheste a alma bondosa
De verdadeira e sã alegria.*

*Avé-Maria, cheia de grandeza
Que ao mundo inteiro deste valor;
Para ficarmos com a certeza
Do teu primeiro e puro amor*

*Avé-Maria, d'alma em flor
Que do teu mundo fizeste jardim;
'Onde ficou teu santo amor
Junto à tua beleza sem fim!*

B.ª Banheira, 22-11-958

António de Almeida Martinho

CARTA ABERTA

Resposta à amável carta do
jovem camarada nas lides
literárias, amigo

Joaquim Acácio Figueiredo

A amabilidade das páginas de «A Província» é tão louvável como louváveis, são os reparos que essas páginas consentem.

Não me subjuga o espírito nem me impele a contradizer tudo o que havia dito nas minhas cartas anteriores e, vi longamente rebatido em «Carta Aberta», com tanta amizade dirigida.

Sem dúvida o meu conhecimento do viver campesino é um pouco menor que o vosso; entretanto não ignoro, porque já lá me deixei reter e com olhares de quem tudo quer saber e ver: analisei,

POR
Minda Pires

«Os poetas aprendem a sofrer
e a amar longe do bulício e
perto da natureza».

estudei e deduzi que sem dúvida, ou sombra de sugestão; é bem diferente o viver ali, ou o de cá?

Como disse, na cidade é enervante, cansa, esgota, e nos conduz o espírito sempre a uma fuga, a um exercício visual, mental e espiritual, sobre a beleza dos campos e a prodigalidade da natureza que Deus tão largamente oferece ao ser humano.

A cidade é grande, é atraente, é linda... mesmo linda, quando vista apenas, pelos seus rótulos, pelas suas avenidas, pelas suas

fantásticas transformações que, em cada dia, surgem e fazem honrar aqueles que por ela trabalham, se esforçam e a engrandecem.

Mas; os seus dramas, as suas lutas e cansaços, o seu enervante agitar em cada segundo que passa, a sua vibração é diferente da do campo.

Aqui não há seres nostálgicos nem sonhadores, quando se encontram propensos a esses estados de espírito, é no campo, que se refugiam.

Poderia dizer-te muito mais meu caro amigo, que tanto aneias ver a cidade, eu posso compreender-te, não só a pureza do teu espírito, até a ingenuidade da tua alma franca e bela, porque te conheço, através das tuas cartas e nunca te esquecerei, nem a grandeza do teu querer e do teu amar as coisas belas.

Porém, aqui se sofre, ama e luta, podes crer, e não desprezes nunca a tua humilde aldeia, mesmo com os seus males, as suas vaidades, para conquistar um reino maior ou aparentemente mais brilhante, mas onde o mal também é bem mais nítido e onde espalha mais os seus efeitos.

De alma agradecida, vai comigo até ao campo e mesmo com a frieza do inverno, olha os céus e verás a magestade do Universo, a distância incontável dos campos verdejantes, e a natureza sempre em festa, sem egoismos, nem ódios, esquece os homens e ama profundamente os seres, como sei, tu amas as árvores, as flores, os animais, eles são na verdade uns teus companheiros inseparáveis.

(Continua na página 5)

M ã E

PROMESSA

A Ribeiro Nunes

*Mãe: palavra sagrada
Quando se é mãe a valer;
Para mim, não valeu nada,
Só tive mãe para nascer.*

*Amor de Pai, é diferente;
Nele não se ouve falar;
Tem coração, também sente
E ganha o pão, p'ra nos dar.*

*Com amor; com carinho,
Deve a mãe sempre velar;
Pela paz do seu cantinho
Pela honra do seu lar.*

Violeta

Visado pela Censura

21/11/958

*Prometi-te versos meus
E a promessa não cumpri,
Versos por graça de Deus
Mas, não são dignos de ti.*

*Porque em sua singeleza
Só Deus os pode entender,
Elos de dor e tristeza
De que é feito o meu viver.*

*Rimas sem sumo, sem graça
Ditadas p'lo sofrimento,
Quando a inspiração passa,
Como folha solta ao vento.*

*Neste ludo e Santo dia,
De vida da minha vida,
Por ti rezo Avé-Maria
'tica a promessa cumprida.*

Maria José de Oliveira

ESTRELA

*Em noites calmas, de luar sereno
Percorri o céu com o meu olhar,
Num sentido desejo de encontrar
O que tornasse o meu viver ameno.*

*Tentei embriagar-me no luar
Ou, com a luz dos astros cintilantes,
Mas eram deste mundo tão distantes
Que não me conseguiram perturbar.*

*Então onde eu nunca procurara,
Surgiu algo de novo, jóia rara!
Que jamais por mim será esquecida...*

*Abriu-me os olhos meiga e ternamente
Pôs-me no mundo donde eu estivera ausente,
E é hoje a estrela que me guia a vida!*

Joaquim Carreira Tapadinhas

YOGHURT

BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmeirim, 15-B-B

LISBOA - Telef. 775027